

PILULA MAÇÔNICA Nº 205

Padre Barruel

Augustin Barruel, também conhecido como Abbé Barruel, nasceu em 1741 em Villeneuve de Berg, França, e que morreu em 1820, foi um implacável inimigo da Maçonaria.

Ele era um escritor prolífico, mas sua reputação se deve, principalmente, ao trabalho denominado *“Memórias para servir à História do Jacobinismo”* (provas de uma conspiração contra todas as religiões e todos os governos da Europa, que existe nas reuniões dos Maçons, Iluminados e de outras Sociedades Secretas), em 04 volumes, publicado na Inglaterra em 1797. Nesse trabalho ele acusa os Maçons de possuírem princípios políticos revolucionários e serem infiéis à religião.

Ele procura achar a origem da Instituição (Maçonaria), primeiro com os antigos heréticos maniqueístas e, através deles, chegar aos Templários, contra os quais ele revive as antigas acusações de Filipe, o Belo, rei da França, e do Papa Clement V, em 1738 (Bula In Eminent – ver Pílula nº204).

Sua teoria relata que as Escolas e Lojas dos Maçons eram derivadas dos Templários. Após a extinção dessa Ordem, certo número de Cavaleiros guerreiros, tendo escapado da prescrição, uniram-se para a preservação de seus horríveis mistérios. Eles juravam batalhar contra os reis e contra os religiosos (padres) e contra qualquer religião a qual anatematizava seus dogmas.

Eles fizeram adeptos, os quais transmitiram, de geração em geração, os mesmos mistérios da iniquidade, o mesmo ódio, a mesma aversão contra Deus dos Cristãos, contra os reis e padres.

Alec Mellor, escritor maçom, francês, nos diz:

“Barruel pode ser considerado como o pai da Antimaçonaria moderna. Aquela que existia antes dele não teve futuro. A sua, ao contrário, foi uma duradora semente de ódio, sendo de todos aqueles que escreveram contra a Maçonaria quem mais a prejudicou”.

É isso que muitos chamam de História. A Maçonaria foi vítima de muitos adversários de má fé, escritores ou não, laicos e eclesiásticos. Mas os tempos mudam e, enquanto um católico e alguns padres acusam o jesuíta Barruel, o Papa inocente Galileo Galilei, também condenado com evidente má fé (N. Aslan).

**M.:l.: Alfério Di Giaimo Neto
CIM 196017**